



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Serviço Social, Relações de Exploração/Opressão de Gênero, Raça/Etnia, Sexualidades.

Sub-eixo: Ênfase em Geração.

CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL NA INTERNET

Daiane Rodrigues Cardoso Pacheco¹

Resumo: O trabalho faz uma reflexão sobre o uso dos sites de Redes Sociais por crianças e adolescentes, problematizando como as interações facilitadas por esses sites podem ter consequências diversas, desde aspectos positivos até o envolvimento em situações de risco. O estudo aborda o crescente uso das TICs entre crianças e adolescentes e suas consequências, dando destaque para violência sexual.

Palavras-chave: Redes Sociais, Criança e adolescente, Violência sexual.

Abstract: The work reflects on the use of social networking sites by children and adolescents, problematizing how the interactions facilitated by these sites can have diverse consequences, from positive aspects to involvement in situations of risk. The study addresses the growing use of ICTs among children and adolescents and their consequences, highlighting sexual violence.

Keywords: Social Networks, Child and adolescent, Sexual violence.

1 – INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre as interações facilitadas por sites de rede social, principalmente quando envolve crianças e adolescentes. Essas interações podem ter consequências as mais diversas possíveis, podendo inclusive levar a situações extremamente perigosas e prejudiciais. Dessa forma, buscamos problematizar ao longo desse trabalho a forma como tais ferramentas podem facilitar conexões com pessoas e conteúdos que sejam prejudiciais ao desenvolvimento e por vezes até favorecer relações de violência; tais como as diversas formas de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Considerou-se importante para este trabalho a construção de uma reflexão conceitual sobre as chamadas Redes Sociais e suas implicações. Realizou-se uma aproximação com o tema das Redes Sociais através de diversos estudos que já abordaram tal questão e buscou-se compreender como as Redes Sociais estão sendo definidas conceitualmente, quais são suas principais características e os possíveis efeitos decorrentes do seu uso. Alguns subtemas sobre a forma de utilização atual dessas Redes Sociais e seus efeitos quando disponibilizados a crianças e adolescentes também se mostraram de suma

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: <daianess.ufrj@hotmail.com>.

importância. O trabalho aborda a questão da exposição da intimidade como parte da socialização mediada pelas Redes Sociais.

Posteriormente, buscou-se concentrar esforços em uma reflexão sobre o crescente uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) entre crianças e adolescentes e suas possíveis consequências, tal como as diversas formas de violência sexual contra crianças e adolescentes situadas no contexto de reprodução de violência baseada no gênero.

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1 - Aspectos conceituais: Redes Sociais e suas versões digitais

Para Bretan (2012) a Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) faz parte de uma revolução tecnológica da sociedade caracterizada em rede e vem acompanhada de mudanças sociais em diferentes níveis. De acordo com Viera (2012), as TICs podem ser definidas como meios que usam, concomitantemente, as telecomunicações e a tecnologia da informática, sendo a internet a sua maior expressão. A autora destaca que as TICs se constituem numa das etapas do desenvolvimento das formas de transmissão da informação e do conhecimento: desde a oralidade, a escrita e as mídias analógicas até chegar às mídias digitais.

Com aumento do uso das tecnologias digitais, aumentaram as especulações sobre seu impacto na vida das pessoas. Assunção e Matos (2014) corroboram com a ideia de que o crescente uso da internet tem gerado grandes debates sobre suas consequências. Alguns estudos argumentam que a internet leva ao empobrecimento da participação na vida social, outros destacam seu potencial para facilitar a vida social e a comunicação com pessoas de diferentes culturas. Ramírez (2016), ao falar do uso dessas ferramentas para mobilizações no Brasil e no mundo, destaca a capacidade de mobilizar-se para além das fronteiras nacionais e continentais.

As Redes Sociais podem ser identificadas como facilitadores da comunicação, contribuindo na organização de manifestações políticas e dando visibilidade a determinadas causas sociais, tais como: questão LGBT, direito ao aborto, preconceito racial, entre tantas outras. Para Rosa e Santos (2015), alguns estudos têm como foco uma análise dessas redes como fonte de incremento da criatividade e do bem-estar, já outros localizam as mesmas como geradoras de uma espécie de culto narcisista-individualista. Sobre isso, Viera (2012) ressalta a necessidade de se desfazer de entendimentos antagônicos e radicais, sobre os aspectos positivos e negativos relacionados às TICs.

Recuero (2009) afirma que o estudo das Redes Sociais não é novo. Pelo contrário, o estudo da sociedade, a partir do conceito de rede, representa uma das mudanças que ocorre na ciência durante o século XX. A Internet trouxe muitas mudanças para a sociedade e uma delas é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador (CMC). É a partir da possibilidade de estudar essas conexões através dos rastros deixados na internet que a “rede”, como metáfora estrutural para a compreensão dos grupos expressos na Internet, é utilizada como “rede social”. Para RECUERO (2009), a rede social é definida por dois elementos principais: os atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais).

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. O estudo das Redes Sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas.” (RECUERO, 2009, p. 24)

Dessa forma, a rede traz uma forma importante para compreender fenômenos que se expressam também através da comunicação mediada pelo computador. Contudo, vale lembrar que as Redes Sociais são sistemas complexos e estão suscetíveis às mudanças constantes. Para Recuero (2009), os atores sociais são parte desse sistema e que, através de interação, atuam dando forma às estruturas sociais. Desse modo, os atores sociais são como os nós da rede social, já as conexões em uma rede social são formadas pelos laços sociais. Os sites de Redes Sociais (SRSs) são sistemas que podem auxiliar a perceber as Redes Sociais. Contudo são os atores sociais, que utilizam essas redes, que constituem as Redes Sociais².

Polivanov (2011) lembra que a cada ano aumenta não somente o número de pessoas que se conectam a algum site de rede social como também o próprio número de SRSs. Além disso, os sites de Redes Sociais (SRSs) têm crescido também em variedade de funções (jogos *online*, *quizzes*, entre outros). A rede social pela internet é uma das principais atividades on-line e o Facebook é considerado a rede social via internet mais popular do mundo, com 1,71 bilhões de usuários ativos mensais em 2017 (Statista, 2017). Os aplicativos WhatsApp e Messenger, de propriedade do Facebook, estão em segundo lugar, com um bilhão de usuários ativos mensais. Martins (2013) mostra, como resultados de sua pesquisa, que a rede social mais conhecida é o Facebook, seguido do Youtube e que estes

² Mencionamos essa concepção de (RECUERO, 2009), no entanto explicitamos que utilizaremos o termo Redes Sociais como sinônimos de sites de Redes Sociais ao longo deste trabalho, por levar em consideração que o mesmo é popularmente conhecido dessa forma.

suportes também foram os mais utilizados por todos os participantes da pesquisa em 2013. No Brasil, o uso da rede social é expressivo e vem aumentando. Com cerca de 90 milhões de usuários no Facebook, em maio de 2016, o país está atrás apenas da Índia e dos EUA (TIC KIDS ONLINE BRASIL, 2015).

A transformação da noção de localidade geográfica das relações sociais também é uma das grandes mudanças da comunicação mediada por computador. Embora a Internet não tenha sido a primeira responsável por essa mudança, ela a ampliou (RECUERO, 2009). A pesquisa “TIC KIDS ONLINE BRASIL 2015” mostrou que o avanço do uso da Internet pelo celular, a disseminação das Redes Sociais e as mensagens instantâneas, tornaram a Internet mais presente em todos os espaços. Através de programas que podem ser usados em tablets, smartphones e notebooks fica ainda mais fácil se aproximar dos seres humanos, fornecendo informações de geolocalização, imagens em publicações instantâneas e a descrição do cotidiano das pessoas. (STASSUN, 2014)

Fantoni (2017) argumenta que Redes Sociais como Facebook e Twitter receberam novas apropriações no aplicativo móvel, influenciadas pela possibilidade de acesso, interação e produção de conteúdo em qualquer lugar. No Instagram a identidade é construída a cada nova publicação, porém no Instagram Stories as publicações parecem não conter tanto esforço para exibir uma imagem elaborada de si mesmo. (FANTONI, 2017) Nesse sentido, o Stories é a demonstração do caráter instantâneo e fugaz do Instagram. Nele é possível realizar postagem de fotos ou vídeos que desaparecem em 24h, o que inviabiliza a visualização do histórico ou do rastro das atividades realizadas por cada um, além disso, os comentários e conversas que surgem a partir da publicação não ficam visíveis. Essa tendência recente, que também foi adotada pelo Facebook, merece mais atenção nesse estudo devido ao fato de criar a possibilidade de conversas privadas, facilitando a ocorrência para interações de risco e possíveis contatos para marcação de encontros.

2.2 - Redes Sociais - o uso por Crianças e Adolescente

A internet tem colocado crianças e adolescentes diante de uma variedade de possibilidades e de informações mesmo durante uma fase em que eles ainda estão desenvolvendo a capacidade de discernir o que é bom ou não. Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação (CETIC), de Abril a Julho de 2012, com 1.580 adolescentes e suas famílias, de todas as regiões brasileiras e classes socioeconômicas diversas, demonstrou que 67% dos adolescentes entre 9 e 16 anos tinham acesso à Internet, sendo que 47% deles acessavam todos os dias ou quase

todos os dias. Os resultados da pesquisa “TIC KIDS ONLINE BRASIL 2015”, também mostraram que cerca de oito em cada dez crianças e adolescentes com idades entre 9 e 17 anos utilizam a Internet. A mesma pesquisa no ano de 2014, apontou que 79% dos pesquisados possuíam perfil próprio em ao menos uma rede social. As atividades mais citadas pelos usuários de 9 a 17 anos são: procurar informações na Internet para fazer trabalhos escolares (80%), enviar mensagens instantâneas (79%) e usar Redes Sociais (79%). Entre crianças de 9 a 10 anos, o destaque foi para plataformas como o Facebook (50%) e o WhatsApp (47%). Entre os usuários da rede (de 15 e 17 anos) 92% afirmaram possuir uma conta no Facebook, 82% citaram o WhatsApp, 50% reportaram o Instagram e 36% o Snapchat. (TIC Kids Online Brasil, 2015)

Vale destacar que o Facebook estabelece corte mínimo de 13 anos de idade para inscrição, mas nem todos respeitam isso. De acordo com a política de uso do site, os perfis que não preenchem o requisito de idade podem ser denunciados e, após avaliação do moderador do site, pode ser excluído. Ao criar um perfil no Facebook é preciso concordar com uma Declaração de Direitos e Responsabilidades, onde o usuário se compromete a não incluir informações falsas e afirma que tem a idade mínima para se cadastrar. O Instagram também indica a idade mínima de 13 anos para ter perfil. Além disso, seus termos de uso também descreve a proibição de conteúdos que sugiram violência, nudez, nudez parcial, discriminação, atos ilegais, ódio, pornografia ou sexo. Nos Termos de Serviço do WhatsApp também indica que não é aconselhado para menores de 16 anos.³ Porém mesmo que algumas Redes Sociais estabeleçam limites de idade, essas regras ainda são facilmente burladas.⁴

Para Assunção e Matos (2014), a adolescência é um período de transição no qual é preciso lidar com a construção da identidade, enfrentando profundas transformações nos sistemas emocional, cognitivo e comportamental. Frequentemente é nesse período que os indivíduos buscam maior autonomia em relação às figuras parentais, dando maior espaço às relações com os pares. Deste modo, esta faixa etária acaba sendo mais suscetível a possíveis interferências da internet e das conexões estabelecidas através dela, sendo de extrema importância compreender o uso da rede social nestas idades. Esse uso da internet pode trazer novos riscos e perigos e por isso a educação e a supervisão por parte da família são essenciais. A pediatra *Dra Tania Zamataro*⁵ destacou algumas medidas importantes

³ <https://www.estudokids.com.br/com-quantos-anos-posso-ter-facebook-whatsapp-e-instagram-veja/> acessado em 20 de junho de 2018.

⁴ [HYPESCIENCE. ROMANZOTI, Natasha. Perigo: porque os pais devem respeitar o limite de idade das Redes Sociais. 2015. Disponível em: <http://hypescience.com/perigo-43-das-criancas-de-12-anos-mandam-mensagens-online-a-estranhos/>](http://hypescience.com/perigo-43-das-criancas-de-12-anos-mandam-mensagens-online-a-estranhos/) Acesso em: 13 mar 2019

⁵ <https://saude.abril.com.br/blog/experts-na-infancia/redes-sociais-na-infancia-quais-os-limites/>

para que os pais desenvolvam nesse processo, tais como: orientar a criança e o adolescente sobre os riscos online; falar abertamente sobre conteúdo permitido ou não, cyberbullying, fraudes e riscos de divulgação de informação pessoal; assim como ensinar sobre responsabilidade e bons costumes online, mostrando o impacto que ações ruins podem causar. Além disso, é preciso destacar que a remoção de conteúdo virtual é lenta e muito difícil. É necessário monitorar as atividades online dos filhos menores, aconselhar a não publicarem fotos íntimas, a não revelar dados pessoais (telefones, endereços residenciais ou da escola, horários que frequentam determinados locais), não adicionar pessoas desconhecidas e não marcar encontros sem avisar aos responsáveis.

O impacto das TICs sobre a saúde das crianças é uma questão de crescente preocupação pública. Muitos pais e professores se preocupam com dependência de internet e seus impactos, podendo deixar crianças deprimidas e até mesmo contribuindo para a obesidade. O relatório anual "Situação Mundial da Infância 2017: *Crianças e adolescentes em um mundo digital*"⁶ aborda o impacto da internet e das Redes Sociais sobre a segurança e o bem-estar de crianças e adolescentes, lembra que um em cada três usuários da internet no mundo tem menos de 18 anos e afirma que as estratégias utilizadas para protegê-los dos riscos do mundo digital não estão sendo suficientes. Tal relatório é resultado de uma pesquisa do UNICEF sobre as diversas maneiras que tecnologia digital está afetando das crianças e adolescentes. Segundo esse relatório, o uso dos dispositivos móveis, fez o acesso online ser mais constante e menos supervisionado, aumentando os riscos.

O relatório da pesquisa realizada pela UNICEF ressalta também que redes digitais como a internet obscura e as criptografias estão permitindo as piores formas de exploração e abuso, incluindo o tráfico e a distribuição online de pornografia infantil. As TICs estão intensificando os riscos e alimentando novas formas de abuso infantil e exploração, como a transmissão ao vivo de abuso sexual infantil. Aliciadores podem mais facilmente fazer contato com crianças através mídias sociais anônimas e perfis desprotegidos. Também permite ao infrator ao ser anônimo - reduzindo seu risco de identificação e ação penal - expandir suas redes, aumentar os lucros e buscar muitas vítimas ao mesmo tempo. Em relação a vulnerabilidade ao abuso sexual online e a exploração sexual, o relatório destaca que nas Filipinas, onde o abuso infantil online foi uma das principais formas de cibercrime em 2014, uma menina de 8 anos foi obrigada a executar atos sexuais três vezes ao dia na frente da webcam do vizinho, para estrangeiros que pagariam para assistir. Estes riscos não são inteiramente novos, as crianças há muito tempo foram expostas aos riscos de criminosos sexuais, mas parece que com o uso das tecnologias de informação e da comunicação a proteção de crianças e adolescentes se tornou mais difícil.

⁶ http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unicef_sowc/sit_mund_inf_2017.pdf

Pereira (2015) também defende que a geração de crianças e adolescentes, que vivencia esse ambiente digital, precisa de mediações sobre os limites necessários nas Redes Sociais. É o caso da exposição dos menores de idade a todo tipo de conteúdo (inadequado ou não), publicidade ou ainda, de conteúdos agressivos. Vale mencionar um assunto que tem sido colocado como uma pauta preocupante atualmente sobre a influência de conteúdos e jogos violentos. Existem fóruns na “Deep web”⁷ que são conhecidos como locais para se discutir a prática de crimes, de violação de Direitos Humanos, racismo e misoginia.

Pereira (2015) lembra que a exibição da vida íntima da criança e do adolescente, é outro perigo que pode levar a uma crise de identidade que ainda está em formação, infringindo direitos básicos. Ocorre que ao permitir a entrada de menores de idade em sites cujo objetivo é a interação social através da publicação de atividades rotineiras e exposição de fotos, acontece a superexposição da criança ou adolescente que inconscientemente atrai diversos outros perigos para si, mostrando-se vulnerável a atuações de marketing, de criminosos, entre outros.

Na pesquisa realizada por Assunção e Matos (2014), os jovens declaram que o mais negativo do uso da rede social é a exposição que poderá ter consequências ruins, mas entendem que cada utilizador é responsável por controlar as suas definições de privacidade e as suas próprias publicações. A pesquisa constatou ainda que os adolescentes de 15 a 17 anos forneceram mais informações pessoais em plataformas e Redes Sociais do que as crianças e que o contato com desconhecidos por meio da Internet apresenta grande variação segundo a faixa etária. Este tipo de aproximação foi reportado por menos de 14% entre a faixa etária de 9 a 10 anos, mas alcançou 62% entre os adolescentes na faixa de 15 a 17 anos.

Uso crescente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) por crianças e adolescentes continua a preocupar profissionais de diferentes áreas sobre o impacto que este uso pode provocar durante o período de desenvolvimento. Destacando-se que durante esse processo de desenvolvimento, a sexualidade é parte importante na construção da personalidade e por isso também preocupa profissionais de diversas áreas. Eisenstein e Silva (2015) sinaliza o quanto as mídias digitais facilitam o acesso a informações, tais como imagens e vídeos relativos a erotismo, sensualidade, questões de gênero, sexo, entre outras

⁷ De acordo com o wikipedia a Deep Web e a surface web conformam uma divisão do conteúdo da rede mundial de computadores quanto a indexação feita por mecanismos de busca padrão. Deep Web (web oculta) corresponde à parte não indexada. Os três pilares da Deep Web são considerados o Anonimato, a falta de monitoramento e a falta de regulamento. Mike BERGMAM, autor da expressão Deep Web afirmou que a busca na internet pode ser comparada com um arrastar de rede na superfície do oceano, mas a maior parte das informações estão enterradas profundamente e não são encontradas por mecanismos de busca padrão. Por ser criptografada e anônima é muito usada por criminosos.

questões relativas à saúde sexual e reprodutiva, podendo trazer impactos na vida de crianças e adolescentes. Para Eisenstein (2013) apesar das tecnologias da era digital (aplicativos, web-sites e programas da Internet) oferecerem aos adolescentes uma perspectiva mais abrangente do mundo, podem também se tornar uma ameaça e oferecer muitos riscos. A autora defende que precisamos compreender fenômenos recentes tais como: o cyberbullying, grooming, sexting e atuar na prevenção a diversas formas de violência, tais como: exploração sexual, pornografia e pedofilia online. Dessa forma, a autora defende que os profissionais que atendem crianças, adolescentes e suas famílias devem incluir as recomendações sobre o uso seguro da internet como parte da rotina profissional.

Eisenstein (2013) lembra que a adolescência é uma fase em que o corpo muda, as emoções se intensificam e as iniciativas de explorar outros relacionamentos sociais aumentam. A curiosidade das novas descobertas encontra na internet um espaço ilimitado e com barreiras culturais reduzidas. Desse modo, com as novas tecnologias, estamos diante de uma nova revolução também da maneira como se aprende e manifesta a sexualidade. No anonimato do computador, o adolescente inicia seu conhecimento sexual e seus relacionamentos com informações obtidas livremente, e muitas vezes de pessoas cuja identidade real é desconhecida. Tal interação pode dar margem para manifestações diversas, tais como:

Sexting: *é um termo criado nos EUA, que deriva das expressões sex (sexo) e texting (envio de mensagens). Esse conceito descreve uma prática social e cultural que está sendo difundida mundialmente. São mensagens curtas, simples e diretas que fazem parte do novo idioma usado através da Internet e dos celulares. Tais mensagens são enviadas com fotos e vídeos sexuais, sensuais e eróticos, podendo ser compartilhadas entre conhecidos/as, amigos/as, namorados/as, “ficantes” etc. Assim, o sexting pode ser entendido como o compartilhamento e postagem de mensagens eróticas, fotos de corpos nus e seminus com poses sensuais, vídeos que mostram relações sexuais.*

Cyberbullying: *é a produção do comportamento de bullying assistido pela tecnologia digital. Qualquer comportamento que comunica repetitivamente mensagens hostis, agressivas, cheias de ódio ou ameaçadoras, com conteúdos sexuais associados ou não, e realizadas por adolescentes ou grupos de pessoas com a intenção de prejudicar ou causar desconforto (abuso psicológico) através da mídia digital ou tecnológica.*

Grooming: *se refere a atos de sedução e manipulação psicológica que são realizados com o objetivo de se ganhar uma relação de confiança e se “tornar amigo” diminuindo a inibição para se estabelecer uma dependência emocional e, assim, iniciar um relacionamento de cunho sexual com uma criança ou adolescente. (EISENSTEIN, 2013)*

Esses são considerados comportamentos que podem facilitar ou se configurar como abuso ou exploração comercial sexual ou ato de pornografia. Alguns abusadores fingem ser

crianças/adolescentes *online* para iniciar conversas em *chats* de relacionamentos nas redes atraindo adolescentes e oferecendo vantagens, como se tornar modelos. Sobre tais situações cabe destaca que toda suspeita de abuso/exploração sexual, seja ela na rede digital, *site* de relacionamentos na Internet ou não, deve ser denunciada. Tal conduta é crime previsto nos artigos 240 e 241 da Lei 8069/90 do Estatuto da Criança e do Adolescente, alterados pela Lei 10.764/03 para incluir ilicitude da conduta no âmbito da Internet.

Na pesquisa CETIC (2012)⁸, 47% das crianças/adolescentes entrevistados declararam ter passado por alguma situação *ofensiva* na Internet nos últimos 12 meses. De acordo com a pesquisa TIC Kids Online Brasil (2014), 29% das crianças e adolescentes usuários de Internet declararam ter visto imagens ou vídeos de conteúdo sexual na internet e 52% deles se sentiram incomodados após este contato. Uma pesquisa sobre o *sexting*, realizada no Brasil em 2009, contou com a participação de 2,525 crianças e adolescentes, de 10 a 17 anos, e revelou que 12,1% desses/as adolescentes já publicaram fotos íntimas na internet. (SAFERNET BRASIL, 2012).

Em 2015 a pesquisa TIC Kids Online sinalizou que 20% das crianças e adolescentes usuários de Internet de 9 a 17 anos afirmaram ter contato com esse tipo de conteúdo, sendo 24% entre meninos e 15% entre meninas.

Barros (2014) sinaliza que ao olhar os materiais, percebe-se que os/as adolescentes vêm se utilizando das tecnologias digitais para visibilizarem a sua sexualidade. Além disso, nota-se que as fotos e vídeos dos/as adolescentes foram produzidos em comum acordo entre eles/as. Muitos dessas fotos e vídeos foram disseminados pelos próprios sujeitos. Geralmente não existia uma intenção inicial de distribuir esse material para uma multidão, mas, às vezes, isso saía do controle; as imagens acabavam sendo disseminadas para muitos.

No Brasil, o relatório da pesquisa do UNICEF destacou como pontos positivos o uso do aplicativo "Proteja Brasil". Com o aplicativo qualquer pessoa pode realizar denúncias, localizar os órgãos de proteção nas principais capitais e ainda se informar sobre as diferentes violações. Desde 2014, o aplicativo foi baixado mais de 190 mil vezes e as denúncias são encaminhadas diretamente para o Disque 100. Outro destaque positivo foi a campanha "Internet Sem Vacilo", que promoveu o comportamento online seguro entre adolescentes e abordou questões como cyberbullying, sexting e privacidade. Lançada em 2015 atingiu quase 14,5 milhões de pessoas. A Safernet, parceiro da campanha, mantém uma central de atendimento por telefone e online para ajudar crianças, adolescentes e

⁸ Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação. CETIC.Br [Internet]. . Disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/criancas.htm>.

jovens afetados pela violência no ambiente digital. Os principais tópicos abordados pelo serviço em 2016 foram o cyberbullying, com 312 casos; sexting, 301 casos; e problemas com dados pessoais, 273 casos.

Em suma, sabe-se que diversos cenários podem influenciar na formação da identidade de crianças e adolescentes e colocá-los expostos a riscos. Dessa forma, Pereira (2015) afirma que apesar da contribuição da família na educação e no uso supervisionado das Redes Virtuais, o controle disponibilizado ainda é pouco eficaz, trazendo notória necessidade de presença do Estado, a partir de políticas públicas de educação, como maneira preventiva e de alerta aos possíveis perigos do ambiente *online*. Além disso, é necessário trabalhar a partir de normas regulamentadoras que propiciem responsabilizar empresas por conteúdos inadequados.

O relatório do UNICEF (2017) diz que os governos e o setor privado ainda não acompanharam as mudanças ocorridas, deixando crianças e adolescentes sujeitos a novos riscos. Dessa forma, o relatório defende que apenas a ação coletiva, por parte de governos, setor privado, organizações que defendem os direitos da infância e adolescência, universidades e famílias, pode ajudar a garantir uma internet mais segura. O setor privado, com ênfase nos setores de tecnologia e telecomunicação, possuem responsabilidades e capacidades maiores em relação ao impacto da tecnologia digital. A influência do setor privado precisa ser utilizada para melhorar padrões éticos em toda a indústria sobre dados privacidade, bem como inovar e criar outras práticas para proteger as crianças online.

3 – Conclusão

Tais aproximações reforçam a necessidade de investir em estudos sobre as interações facilitadas por sites de rede social, principalmente quando envolve crianças e adolescentes, a fim de elaborar novas estratégias de prevenção e proteção para crianças e adolescente ao utilizar o ambiente virtual. Dessa forma, buscamos problematizar ao longo dessa pesquisa a forma como tais ferramentas podem facilitar conexões com pessoas e conteúdos que sejam prejudiciais ao desenvolvimento sexual saudável para determinados segmentos etários. Nesse contexto é que problematizamos sobre a possibilidade de tais redes facilitarem relações onde a violência sexual se coloque, principalmente quando mediada por trocas que façam tal relação parecer vantajosa para ambas as partes, nas diferentes formas de Exploração sexual de crianças e adolescentes. Além disso, vale ainda reforçar sobre a importância dos profissionais que trabalham na área da infância e juventude se apropriarem desse debate e dos diversos riscos que crianças e adolescentes estão

expostos para que possam auxiliar as famílias na construção de formas saudáveis de utilizar tais mecanismos.

BIBLIOGRAFIA

ASSUNÇÃO, Raquel Sofia and MATOS, Paula Mena. Perspectivas dos adolescentes sobre o uso do Facebook: um estudo qualitativo. In *Psicol. estud.* vol.19 no.3 Maringá jul./set. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722014000300018&lng=pt&nrm=http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722014000300018&lng=pt&nrm=isoisso

BARROS, C. Suzana da. Sexting na adolescência: análise da rede de enunciações produzida pela mídia. Universidade Federal do Rio Grande Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da vida e saúde. Orientadora Paula Regina Costa Ribeiro; Rio Grande: FURG/PPGQVS, 2014

BRETRAN, MARIA. E. A. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes mediada pela tecnologia de informação e comunicação: Elementos para prevenção vitimal. Tese de doutorado. Faculdade de Direito. São Paulo: USP, 2012.

Cisco Connected World Technology Report Disponível em: <https://www.cisco.com/c/dam/en/us/solutions/enterprise/connected-world-technology-report/2011-CCWTR-Chapter-3-All-Finding.pdf> Acessado em março de 2018.

EISENSTEIN, Evelyn. Desenvolvimento da sexualidade da geração digital - Digital generation and sexuality development - Adolesc. Saude, Rio de Janeiro, v. 10, supl. 1, p. 61-71, abril 2013.

EISENSTEIN, Evelyn E SILVA, Eduardo Jorge Custódio. Das crianças, adolescentes e o uso intensivo das tecnologias de informação e comunicação: Desafios para a saúde.. IN TIC_KIDS-2015.

FANTONI, Andressa. Autorrepresentação de adolescentes Porto-Alegrenses no instagran. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social. Porto Alegre, 2017.

MARTINS, José Manuel Viamontes. OPORTUNIDADES E DESAFIOS DAS REDES SOCIAIS NAS PERSPETIVAS SOCIAL, ORGANIZACIONAL E POLÍTICA. Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico do Cávado e do Ave para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Informática e Sistemas Empresariais. Lugar outubro, 2013

PEREIRA, Marília do Nascimento. A SUPEREXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NAS REDES SOCIAIS:: necessária cautela no uso das novas tecnologias para a formação de identidade. In Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. Santa Maria/RS UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. 2015. <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais>

POLIVANOV, Beatriz Brandão. Sites de Redes Sociais: proposta de classificação com base no público-alvo, temática principal, estrutura e funcionalidade. In V Simpósio Nacional ABCiber – UDESC/UFSC, Novembro de 2011.

RAMÍREZ, Liliana Galindo. Dinâmicas transnacionais em tempos de Internet: jovens, mobilização e apropriação do Facebook na Colômbia e no Brasil. 2016. Disponível em: http://desidades.ufrj.br/featured_topic/dinamicas-transnacionais-em-tempos-de-internet-jovens-mobilizacao-e-apropriacao-do-Facebook-na-colombia-e-no-brasil/4/ Acessado em março 2017.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

ROSA, G. A. M. e SANTOS, B. R. do. Repercussões das Redes Sociais na Subjetividade: Narcisismo, Felicidade e Elaboração Psíquica. In Psicologia em Estudo. Universidad del Salvador, Buenos Aires, Argentina, Maringá, v. 20, n. 2, p. 285-294, abr./jun. 2015

STASSUN, Cristian Caê Seemann. Sociedade do Espelháculo: Facebook gadget como dispositivo de governo das informações, das circulações e do desejo. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014

VIEIRA, Vera Fátima. Comunicação e feminismo: as possibilidades da era digital. Tese de doutorado da Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo, 2012.